



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **O ESPAÇO FEMINISTA NO CONTO “DEVANEIO E EMBRIAGUEZ DUMA RAPARIGA”, DE CLARICE LISPECTOR**

Francisca Luana Abrantes de Castro (1); Alyne Santos de Paula (1); Maricélia dos Santos Sousa (2); Jakeline Francisca da Silva (3); Rosângela Vieira Freire (4)

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)* [luana\\_abrantes@hotmail.com](mailto:luana_abrantes@hotmail.com),  
[alynez2010@hotmail.com](mailto:alynez2010@hotmail.com), [jake-jc@hotmail.com](mailto:jake-jc@hotmail.com), [mariceliadesousa@gmail.com](mailto:mariceliadesousa@gmail.com),  
[rosangelaveafs@yahoo.com](mailto:rosangelaveafs@yahoo.com).

**Resumo:** O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica a respeito do espaço feminista no conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga”, de Clarice Lispector. A proposta tem como objetivos principais, discutir, abordar e analisar a personagem feminina sob a perspectiva de referenciais teóricos voltados para questões de gênero. Abordando assim, tanto o contexto político, histórico e social, bem como, o literário e a condição da mulher daquela época. Os questionamentos que motivaram nossa pesquisa foram: Mesmo vivendo em outra realidade não pós-patriarcal, por que os valores continuam os mesmos em relação à mulher? A mulher para ser respeitada diante da sociedade, tem que seguir o molde: “recatada e do lar” para fazer jus aos modelos desejados e impostos pela sociedade? Para responder tais questionamentos, utilizamos as seguintes bases teóricas: BARRET (1991), BEAUVOUR (1980), BOURDIEU (2011), CONSTÂNCIA LIMA DUARTE (2003), GUACIRA LOPES LOURO (1997) e NUNES (1976). Enfim, o estudo bibliográfico, aqui apresentado, mostra que desde os primórdios, a mulher tinha essa inquietude em relação às desigualdades de gêneros, essa insatisfação em relação a seu papel diante da sociedade. Mostrando, dessa forma, a conscientização feminina, mas que mesmo tendo consciência desse novo papel, a personagem ainda assim, tem medo de se auto-afirmar diante da sociedade.

**Palavras-Chave:** Literatura e gênero, Feminismo, Clarice Lispector, Condição feminina, Conto.

### **INTRODUÇÃO**

O trabalho, aqui apresentado é fruto de um estudo bibliográfico a respeito do espaço feminista no conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga”, de Clarice Lispector. Estudo esse que tem como objetivos principais discutir, abordar e analisar a personagem feminina sob a perspectiva de referenciais teóricos voltados para as questões de gênero. Abordando assim, não só o contexto político, histórico e social, bem como, o literário e a condição da mulher daquela época.

O presente tema, *O espaço feminista no conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga”*, de Clarice Lispector é pertinente ao contexto atual, o qual diariamente tem-se discutido sobre a feminilidade, sobre a igualdade de gêneros. E nada melhor do que Clarice para se discutir tal tema, pois suas personagens femininas costumam demonstrar uma insatisfação e incompletude em relação ao papel da mulher diante da sociedade.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Nessa época, predominava uma sociedade altamente patriarcal onde as mulheres viviam em uma condição rígida, marcada de imposição social e reproduzida pela Igreja, Família e Estado. Sobre esse aspecto, Bourdieu (2011) afirma:

É, sem dúvida, a família que cabe o papel principal na reprodução da dominação da visão masculina; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres (BOURDIEU, 2011, p.23).

Dialogando com BOURDIEU, constata-se que as mulheres daquele tempo eram destinadas apenas, aos cuidados do lar e do marido. Não podendo assim, exercer outras funções que não fossem as do seu lar. O que causava bastante inquietude e insatisfação, pois elas eram obrigadas a fazer o que o padrão social determinava. Assim, para que elas fossem aceitas, era preciso ser uma esposa dedicada, afável, cuidadosa e prestativa. Pronta a ajudar o seu marido, os seus filhos. Vivendo assim, sob pressão, sob esse poder ditador.

O conto que vamos analisar faz parte da obra “*Laços de Família*”, publicado nos anos 60, antes do auge das manifestações feministas.

Na obra em questão, iremos nos deparar com a figura de uma jovem portuguesa, casada, de classe média que tem seus sentimentos escondidos e desejos de assumir as suas vontades.

As obras de Clarice Lispector são admiráveis, pois mostram personagens feministas, que refletem uma interiorização do ser humano, que mergulham na profundidade do seu ser, num processo de construção e desconstrução.

Para refletir sobre a condição feminista no conto, buscou-se como embasamento teórico: BARRET (1991), BEAVOUIR (1980), BOURDIEU (2011), CONSTÂNCIA LIMA DUARTE (2003), GUACIRA LOPES LOURO (1997) e NUNES (1976).

Além disso, é notório destacar que a concepção de feminismo é analisada na obra, de forma ampla. Sobre essa afirmação Duarte (2003) propõe:

(...) feminismo poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação dos seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo (Duarte, 2003, p.152).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Enfim, o conto em questão foi apenas um aparato para discorrer sobre essa temática. Para mostrar que essas ideologias em relação à função da mulher e seu papel na sociedade é apenas uma luta que não vem de agora, mas sim, desde a década 60, quando os papéis da mulher passaram a ser questionados. Além disso, é notório destacar que escolhemos Clarice Lispector para analisar a temática de gênero, não por sua obra apresentar uma ideologia, mas sim, por esta, apresentar de forma sutil e tão bem retratada no conto “Devaneios e embriaguez duma rapariga” a condição da mulher restrita ao lar e à família. A autora, através de sua sensibilidade, de sua subjetividade nos mostra a realidade da mulher daquela época, fazendo assim uma crítica como escritora à sociedade vigente.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa “O espaço feminista no conto “Devaneio e embriaguez duma rapariga” de Clarice Lispector é fruto de indagações, questionamentos sobre o gênero e o espaço feminista na obra em questão e que ainda hoje, encontram-se arraigados na nossa cultura, na nossa sociedade. Além disso, tais questionamentos foram essenciais para a realização de tal pesquisa: Mesmo vivendo em outra realidade não pós-patriarcal, por que os valores continuam os mesmos em relação à mulher? A mulher para ser respeitada diante da sociedade, tem que seguir o molde: “recata e do lar” para fazer jus aos modelos desejados e impostos pela sociedade? Procurando respostas para esses questionamentos, foi que se buscou, através de estudos bibliográficos e discussão dirigida, compreender o contexto ao qual a obra estava inserida e também mostrar que essa cultura patriarcal não vem de agora, mas sim, desde os primórdios. Sendo dessa forma, reproduzidas pela instituições e que de certa forma, exercem uma influência constante na formação do homem e da mulher, como por exemplo, a Igreja, a Família e o Estado.

O campo da pesquisa foi gênero e literatura constituídos por sujeitos discentes do curso de Letras/Português do IFPB. A fase interventiva ocorreu por meio de leitura de teóricos, debates e questionamentos. Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas diversas leituras relacionadas à obra de Clarice, para assim, analisarmos, aliarmos à teoria e, chegarmos até as respostas. Portanto, não só a leitura desses teóricos, bem como as leituras relacionadas ao conto e à autora foram fundamentais para chegarmos a tais respostas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Durante muito tempo, a mulher se viu na condição de subserviência ao seu marido, aos cuidados do lar, dos filhos. Esta devia total respeito ao seu marido, deveria se resguardar, ser amável, não se insinuar. Todavia, durante a década de 60, começam os rumores em relação à condição feminista.

A posição da mulher diante da sociedade passa a ser questionada e o tema feminismo começa a ser analisado na sociedade daquela época.

Surge, então, Clarice, uma autora à frente do seu tempo e às questões feministas. Suas obras tratam de forma sutil o comportamento feminista, as ânsias, os desejos, a inquietude da alma. Mostrando dessa forma, em suas obras, a peculiaridade da história da sociedade brasileira à qual a mulher estava subordinada.

Como de costume, as personagens Clariceanas, estão em meio a uma rotina rígida de imposições sociais e que tudo o que estava certo, acaba se desmoronando, tornando-se um conflito interno da personagem. É o que acontece justamente com essa personagem, com essa jovem portuguesa, a qual vive constantemente, uma rotina de atividades que fazem parte do seu dia a dia, como, por exemplo, esperar o marido da volta do trabalho, cuidar da casa, dos filhos, do lar. Mas que mesmo tendo tudo, ainda assim, isso não lhe é o bastante, não lhe é suficiente. Todavia, mesmo diante de tamanha inquietude, se mantém no seio familiar. É o que podemos ver na personagem principal dessa obra.

A narrativa começa mostrando as atividades cotidianas que fazem parte da vida rotineira da protagonista. Algo que pelos modelos daquela sociedade jamais poderiam ser violados. Porém, em certos momentos vem à tona.

“Pelo quarto parecia-lhe estarem a se cruzar os eléctricos, a estremecerem-lhe a imagem reflectida. Estava a se pentear vagorosamente diante da penteadeira de três espelhos, os braços brancos e fortes arrepiavam-se à frescurazita da tarde. Os olhos não se abandonavam, os espelhos vibravam ora escuros, ora luminosos”. “Os olhos não se despregavam da imagem, o pente trabalhava meditativo, o roupão aberto Deixava aparecerem nos espelhos os seios entrecortados de várias raparigas (CLARICE, 1994, p. 17).

O espelho, na passagem acima, remonta a reflexão. É através do espelho que a personagem começa a refletir sobre sua vida, seu cotidiano, sua vida doméstica, seus sentimentos escondidos e sobre seu papel diante da sociedade.

Para Barret (1991, p. 102), “estágio do imaginário inclui imagens e fantasias, conscientes ou inconscientes; é registro-chave do ‘eu’ e suas identificações, desenvolvendo-se do Estágio do espelho até os relacionamentos adultos”.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Outro ponto importante é o momento em que há a rejeição da portuguesa por seu marido quanto as suas funções como esposa, como mostra a seguinte passagem: “Só acordou com o marido a voltar do trabalho e a entrar pelo quarto adentro. Não quis jantar nem sair dos seus cuidados, dormiu de novo: o homem lá que se regalasse com as sobras do almoço.” (LISPECTOR, p.10). “(...) pouco se lhe importava se hoje era dia dele tratar os negócios da cidade”. (LISPECTOR, 1998, p.11).

Através dos trechos podemos constatar o desinteresse dela por seu marido, por seu lar.

De acordo com os padrões impostos naquela época, eram esperados da mulher os trabalhos domésticos; e, do homem, a responsabilidade de manter a família. Porém, podemos perceber que a atitude da portuguesa não condiz com essa postura, pois há um desinteresse de sua parte, tanto nos afazeres de casa quanto na desilusão amorosa em relação ao marido.

Mas quando ele se inclinou para beijá-la, sua leveza crepitou como folha seca:  
- E o que tens? Perguntou-lhe o homem atônito, a ensaiar imediatamente carinho eficaz.  
Obstinada, ela não saberia responder, estava tão rasa e princesa que não tinha sequer onde se lhe buscar uma resposta. Zangou-se:  
-Ai que não me maces! Não me venhas a rondar como um galho velho!  
Ele pareceu pensar melhor e declarou:  
-Ó rapariga, estás doente.  
Ela aceitou surpreendida, lisonjeada. Durante o dia inteiro ficou-se na cama, a ouvir a casa tão silenciosa sem bulício dos miúdos, sem o homem que hoje comeria seus cozidos pela cidade. Durante o dia inteiro ficou-se à cama. (CLARICE, 1998,11)

O marido prefere acreditar que sua mulher está doente, ao invés de acreditar que ela não se enquadrava mais como uma mulher ideal, uma esposa dedicada, pronta a atender os seus galanteios.

Ao aceitar a suposição de que estava doente, ela encontra motivos para continuar em seu imaginário. “... estava previamente a amar o homem que um dia ela ia amar... sem culpas nem danos para nenhum dos dois. Na cama a pensar, a pensar, quase a rir como uma bisbilhotice” (*idem*, 1994, p.20).

Imersa em seus devaneios, a portuguesa vê-se mergulhada em suas fantasias, em seus desejos. Ao imaginar uma realidade que não é sua, ela se transporta para um mundo imaginário, o que denota a inconformidade da mulher em relação ao seu casamento, a sua angústia nesse contexto familiar. Sobre essa afirmação, explana Beauvoir (1980):

O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que cercam encaram seu futuro e que ela própria o encara. Admite-se unanimemente que é a



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

conquista de um marido- em certos casos, de um protetor- é para ela o mais importante dos empreendimentos (BEAUVOIR, 1980, p.67).

Em conformidade com o pensamento de Beauvoir, percebe-se que o casamento era um status de grande valor. Mesmo sem a mulher gostar, ela tinha que manter essa relação de afetividade ou caso contrário, não era bem vista pela sociedade, pois adquirir esse status de “casada” era ter “dignidade social” perante a sociedade como indica Beauvoir:

Assim a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (BEAUVOIR, 1980, p.21)

Ainda dialogando com Beauvoir, constata-se que os papéis desenvolvidos pelo homem e pela mulher na sociedade não são determinados biologicamente. Pelo contrário, à medida que vão se constituindo na sociedade, ambos vão desenvolvendo suas funções. Em outras palavras, os papéis atribuídos a ambos são elaborados dentro de um contexto cultural e social nos quais estão inseridos. Seguindo essa mesma lógica, Louro afirma:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade ou em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim, tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 1997, p.24).

Em relação a essas funções, percebe-se que a personagem se sente confusa e ao mesmo tempo culpada por não desempenhar o seu papel como esposa.

Acordou com o dia atrasado, as batatas por descascar, os miúdos que voltariam à tarde das títias, ai que até me faltei ao respeito!, dia de lavar roupa e cerzir as peúgas, ai que vagabunda que me saíste!, censurou-se curiosa e satisfeita, ir às compras, não esquecer o peixe, o dia atrasado, a manhã pressurosa de sol. (LISPECTOR, 1988, p.12)

Ao mesmo tempo em que ela se sente feliz por não ter realizados seus afazeres, também se sente culpada.

Para a jovem portuguesa, o devaneio era o único momento de fuga da realidade, em que podia questionar a submissão que lhe era imposta.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Além disso, no decorrer do conto, podemos perceber o fluxo de consciência por parte da personagem fora da vida do lar, longe dos seus afazeres domésticos. Ao sair para um jantar de negócios com seu marido, a portuguesa se sente mais à vontade, mais liberta, mais satisfeita. “No sábado à noite a alma diária perdida, e que bom perdê-la, e como lembrança dos outros dias apenas as mãos pequenas tão maltratadas.” (LISPECTOR, 1998, p.13). Ainda sobre o jantar, é notório destacar a comparação que a personagem faz ao cotejar o mal-estar da embriaguez com a maternidade. Algo que para aquela época, seria um comportamento inaceitável e inadequado. “Mas as palavras que uma mulher pronunciava quando estava embriagada era como se estivesse prenhe- palavras apenas na boca, que pouco tinha a ver com o centro secreto que era como uma gravidez. Ai que esquisita estava.” (LISPECTOR, 1998, p.13).

A embriaguez da personagem a faz perceber que ela era capaz de desenvolver outras funções que não fossem apenas as de doméstica. Esta situação é ocasionada por um recurso muito utilizado pela autora: *a epifania*, ocorrida em dois momentos: nos devaneios e na embriaguez. Ambos se complementando em seus significados.

A epifania é percebida no conto, a partir do momento da embriaguez da jovem esposa. Ao tomar consciência de si, ela percebe que pode fazer outras atividades, além das domésticas. Sente que nascera também para arte e não realizá-la, a torna insatisfeita. Sobre esse ponto, (NUNES, 1976, p. 95) afirma:

A angústia nos desnuda, reduzindo-nos àquilo que somos: consciências indigentes, com a maldição e o privilégio que a liberdade nos dá. No extremo de nossas possibilidades, ao qual esse sentimento nos transporta, ela intensifica a grandeza e a miséria do homem. Da liberdade que engrandece, e que nos torna responsáveis de um modo absoluto, deriva a razão de nossa miséria, vivemos, afinal, num mundo puramente humano, onde a consciência é a única realidade transcendente.

Além disso, ao longo do jantar, a personagem se depara com a figura de uma mulher loira e bonita. Ao analisar aquela moça, ela se sente humilhada por esta não está com um chapéu e, superior, ao reparar a cintura daquela mulher, pois ela poderia ser até mais bonita, porém, nunca seria capaz de parir, o que demonstra que mesmo diante de tamanha insatisfação, ela ainda se vê apegada aos laços patriarcais. “E a santarrona toda vaidosa de seu chapéu, toda modesta de sua cinturinha fina, vai ver que não era capaz de parir-lhe, ao seu homem, um filho.” (LISPECTOR, 1998, p.15)



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A tomada de consciência perturba-a, deixa-a inquieta. Todavia, ao tomar consciência de seu papel, ela prefere as náuseas da sua rotina, já que a vida lá fora só pode lhe propiciar devaneios e embriaguez.

Após o jantar, a portuguesa volta para seu lar com um novo olhar sobre a vida, sobre seu relacionamento. Ela volta feliz, pois sua condição de esposa volta ser a prioridade.

Mas depois de amanhã aquela sua casa havia de ver: dar-lhe-ia um esfregaço com água e sabão que se arrancaria as sujidades todas! A casa havia de ver! Ameaçou ela colérica. Ai que sentia tão bem, tão áspera, como se ainda estivesse a ter leite nas mamas, tão forte. (LISPECTOR, 1998, p.18)

O conformismo, a casa e a família é o que restara para esta personagem. Enfim, no final do conto, podemos perceber uma crítica em relação a não afirmação da mulher propagada pela estrutura social da época.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar as questões de gênero a partir da literatura é um meio de democratizar e veicular valores dentro da nossa sociedade. Principalmente, quando o assunto se volta para as questões feministas. O conto em questão foi um texto ideal para dialogar sobre tal temática. Através da personagem do conto, pudemos fazer uma reflexão sobre o contexto histórico e cultural daquela época e os rumores feministas que afloraram na década de 60.

Ao longo da narrativa, averiguamos que a jovem portuguesa tinha seus desejos incutidos e que os seus devaneios e a embriaguez eram momentos que faziam sair de si como uma forma de libertinagem. Porém, mesmo se descobrindo, tendo consciência de si própria, prefere permanecer no seio familiar, pois percebe que só assim é feliz.

Enfim, mesmo sido escrito há tanto tempo, a narrativa dialoga com a sociedade atual, uma vez que, em pleno século XXI, a mulher ainda é vítima de estereótipos, de preconceitos machistas e de ideologias que não condizem com os tempos atuais.

## REFERÊNCIAS

BARRET, Deirdre. Um estudo empírico da relação de lucidez e sonhos de vôo. *Sonhando: Jornal da Associação para o estudo dos Sonhos*, 1991, Vol.1, No. 2, p.102-120.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad.: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro:

Bertrand Brasil, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: a experiência vivida, vol. II**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo em literatura no Brasil**. In: Revista Estudos Avançados da USP, n.49, vol.17, set./dez.2003.p.151-172 (Dossiê Mulher, Mulheres).

LISPECTOR, Clarice. **Devaneio e embriaguez duma rapariga**. In.: Laços de Família. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **A emergência do gênero**. In: \_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-industrialista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 14-37.

NUNES, Benedito. **O mundo imaginário de Clarice Lispector**. In: O dorso do tigre. São Paulo. Perspectiva, 1976.